

Artigos Originais

Futebol no Brasil: a inserção de treinadores que não foram jogadores profissionais¹

Football in Brazil: the insertion of coaches who were not professional players

Fútbol en Brasil: la inserción de entrenadores que no eran jugadores profesionales



Guilherme Ximenez Nadaletto

Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
guiximenez@alumni.usp.br



Murilo dos Reis Morbi

Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
murilomorbi@gmail.com



João Pedro Caetano Sartori

Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
jpsartori@usp.br



Márcio Pereira Morato

Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
mpmorato@usp.br

Resumo: Este estudo visou a entender como foi a inserção e a manutenção, em clubes brasileiros de futebol, de treinadores que não foram jogadores profissionais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três treinadores, analisadas via Análise Temática, que possibilitou a emergência de cinco temas: influência da universidade na formação dos treinadores; formação continuada

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

dos treinadores; dificuldade dos acadêmicos em se inserirem em clubes de futebol; como os acadêmicos se tornaram treinadores; sugestões para aqueles que almejam ser treinadores e não são ex-atletas. Conclui-se que não há um caminho único e melhor a ser seguido, mas há cada vez mais espaço para a inserção do treinador que não foi jogador profissional de futebol nos clubes brasileiros.

Palavras-chave: futebol; treinador; educação física; análise temática.

Abstract: This study aimed to understand how was the insertion and maintenance, in Brazilian soccer clubs, of coaches who were not professional players. Semi-structured interviews were carried out with three coaches, analyzed through Thematic Analysis, which allowed the emergence of five themes: the influence of the university on the training of coaches; continuing training of coaches; difficulty of academics in joining soccer clubs; how academics became coaches; suggestions for those who aspire to be coaches and are not ex-athletes. It is concluded that there is not a single and better way to be followed, but that there is more and more space for the insertion of the coach who was not a professional football player, in Brazilian clubs.

Keywords: football; coach; physical education; thematic analysis.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo comprender cómo fue la inserción y el mantenimiento, en los clubes de fútbol brasileños, de entrenadores que no eran jugadores profesionales. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con tres entrenadores, analizadas a través del Análisis Temático, lo que permitió el surgimiento de cinco temas: la influencia de la universidad en la formación de entrenadores; formación continua de entrenadores; dificultad de los académicos para unirse a clubes de fútbol; cómo los académicos se convirtieron en entrenadores; sugerencias para los que aspiran a ser entrenadores y no son ex deportistas. Se concluye que no hay

un único y mejor camino a seguir, pero que cada vez hay más espacio para la inserción del entrenador que no fue futbolista profesional, en los clubes brasileños.

Palabras clave: fútbol; entrenador; educación física; análisis temático.

Submetido em: 2022-08-31

Aceito em: 2022-11-09

Introdução

O futebol figura como um jogo esportivo coletivo de invasão (GARGANTA, 1995). Nele, a comissão técnica é centralizada no papel do treinador, responsável por diversas funções e habilidades atreladas à melhoria de desempenho da equipe (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019; FURTADO; KRAUS; JAQUES, 2019). Apesar de toda a responsabilidade atrelada ao treinador, não há, no Brasil, a exigência de um curso de graduação específico para exercer essa função. De acordo com a Lei nº 8.650/1993, o treinador profissional de futebol deve ser, preferencialmente, graduado em Educação Física. Contudo, para atuar nos principais campeonatos do país, é preciso somente a formação nos cursos promovidos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019; FURTADO; KRAUS; JAQUES, 2019).

A não exigência de um diploma de ensino superior vai na contramão da literatura, que considera que uma profissão envolve conhecimentos específicos e reflexões somente obtidas por meio de uma graduação acadêmica (BETTANIM *et al.*, 2017; GOMES; ISIDRO; BATISTA, 2011; MILISTETD *et al.*, 2013, 2015b, 2016). Portanto, a legislação brasileira e o meio científico apontam que a graduação em Educação Física é fundamental à formação do treinador. Por outro lado, a Confederação Brasileira de Futebol e as federações estaduais do Brasil de futebol não atribuem o mesmo grau de valor ao não obrigar a conclusão de um ensino superior para o exercício da função. Esse cenário vem gerando interesse de estudo em relação ao desenvolvimento de carreira desses profissionais (GALATTI *et al.*, 2016; RODRIGUES; NETO, 2017).

Sete treinadores do Campeonato Brasileiro Série A de 2011 afirmaram ser ex-atletas de futebol profissional; cinco deles com ensino superior completo (FERNANDES *et al.*, 2013). Já no Campeonato Brasileiro Série A e B de 2017, 75% dos treinadores foram atletas profissionais e somente seis não eram ex-jogadores e possuíam formação em Educação Física (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019). A maioria dos atletas também prefere ser treinada por um “ex-jogador” do que por um “teórico”, confirmando a preferência na contratação de treinadores que foram atletas profissionais (BETTANIM *et*

al., 2017; FERNANDES *et al.*, 2013; RODRIGUES; NETO, 2017; SILVA; PRADO; SCAGLIA, 2018). Esses dados refletem a crença de que o sucesso como atleta garantirá o sucesso como treinador, colaborando para uma oferta de emprego desigual entre os que foram jogadores e os que não foram (FERNANDES *et al.*, 2013).

O conhecimento é adquirido ao longo da vida em situações formais, não-formais e informais. A aprendizagem formal consiste em cursos de graduação, de formação e especializações; já a aprendizagem não-formal engloba cursos, palestras e seminários; enquanto a aprendizagem informal envolve toda a relação de comunicação e/ou visualização que gerou um conhecimento, tal como a vivência como atleta (SILVA; PRADO; SCAGLIA, 2018; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018; VIRGÍLIO *et al.*, 2017). Os treinadores atribuem suas competências a 60% do contexto informal, 20% formal e 20% não-formal (VIRGÍLIO *et al.*, 2017). Um treinador do Campeonato Paulista Série A1 de 2010 atribuiu significativa importância ao contexto não-formal em sua formação (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013). Em contrapartida, a maioria dos estudantes de um curso de pós-graduação em futebol acreditam que o principal requisito que um profissional de Educação Física deve ter para ser contratado por um clube é possuir uma especialização (SIQUEIRA; SILVA, 2019).

Assim, este estudo visou a entender como foi a inserção e a manutenção, em clubes brasileiros de futebol, de treinadores que não foram jogadores profissionais. Ainda, buscou-se identificar, a partir da perspectiva dos treinadores, qual foi o momento crucial para sua inserção no mercado de trabalho como treinador de futebol e analisar os contextos que possibilitaram a inserção e a manutenção dos treinadores nos clubes de futebol.

Método

Foram entrevistados três treinadores graduados em Educação Física e que não jogaram a modalidade profissionalmente, sendo os três do sexo masculino e com idade média de $41,82 \pm 3,34$ anos. No momento da entrevista, eles estavam atuando como treinador ou haviam atuado nos seis meses anteriores à entrevista em uma equipe profissional de futebol. Dois deles estavam em

equipes que disputam competições nacionais, enquanto um delas estava à frente de uma equipe que disputava apenas competições estaduais. Os participantes foram orientados sobre os objetivos e procedimentos desta pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, recebendo uma delas. Este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEFERP/USP, e possui o número CAAE de 46210121.5.0000.5659.

As entrevistas foram gravadas em audiovisual, através da plataforma Google Meet. O principal meio utilizado para estudar sobre a carreira do treinador esportivo é o método qualitativo (GALATTI *et al*, 2016). Para isso, foi usada a entrevista semiestruturada, a qual permite que se façam perguntas com base em um roteiro padrão, objetivando responder às perguntas centrais, além de perguntas livres que atendam às possíveis ramificações que a resposta do entrevistado origine (MANZINI, 2004). O número de questões e a linguagem a ser empregada durante a entrevista devem levar em questão o tema a ser abordado (MANZINI, 2004). No estudo em questão, foram definidas 13 perguntas centrais e orientadoras (Tabela 1).

Tabela 1 - Roteiro de entrevistas

1- Qual seu nome completo?
2- Qual é a sua data de nascimento?
3- Qual é o seu local de nascimento?
4- Fale sobre sua formação acadêmica.
5- Fale sobre sua trajetória no futebol. - Explorar quando iniciou o envolvimento com a modalidade até o momento que se tornou treinador. - Como foi sua inserção no futebol como treinador?
6- Você poderia falar em qual momento e como foi a escolha de seguir como treinador de futebol?
7- Você pode falar como foi seu processo para se tornar treinador de futebol?
8- Na sua opinião, qual foi o momento crucial para se tornar treinador? - Durante sua vivência no curso X, você teve algum momento crucial para sua formação como treinador de futebol?
9- Houve algum momento que foi determinante para conseguir seguir sua trajetória como treinador?
10- Houve alguma pessoa que foi determinante para conseguir seguir sua trajetória como treinador?
11- Qual sua opinião sobre a inserção de treinadores de futebol que não foram jogadores profissionais? - Você acredita que estes profissionais têm alguma dificuldade em se inserir no futebol? Por quê? - Você teve dificuldade em se inserir no futebol como treinador? - Quais foram suas principais dificuldades para se inserir como treinador de futebol?

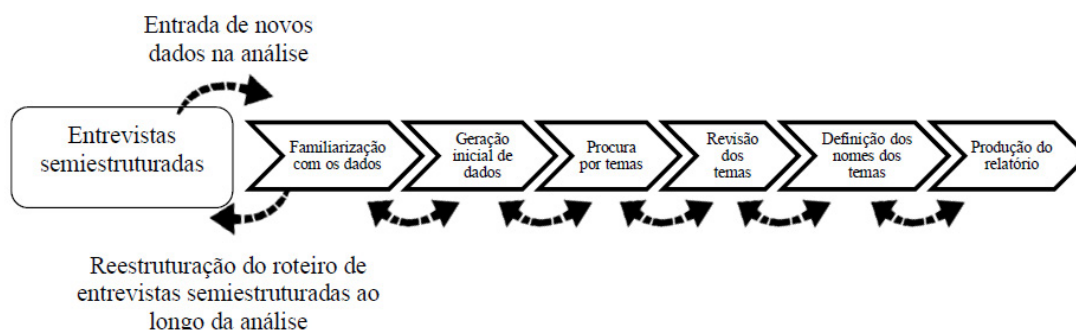
12- Qual sua opinião sobre a formação de treinadores atual? Qual a diferença do processo atual e o que você vivenciou?

13- Quais sugestões você daria para alguém que quer se inserir como treinador de futebol, e que não foi jogador profissional?

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Análise Temática apresenta duas abordagens: dedutiva, quando se parte daquilo que emerge dos dados; e a indutiva, a qual parte de um referencial teórico para se abordar os dados (BRAUN; CLARKE, 2006). No nosso estudo foi utilizada a abordagem dedutiva. O seguinte procedimento foi seguido: (a) inicialmente, todas as entrevistas foram transcritas e lidas pelo pesquisador, para que o mesmo pudesse se familiarizar com os dados; (b) então, o mesmo criou códigos para identificar discursos que abordassem aspectos semelhantes dentro da proposta do estudo; (c) na sequência, esses discursos foram separados e relidos, para que pudessem chegar aos temas emergentes; (d) os temas foram relidos para que eles pudessem ser nomeados; (f) e, ao final, com todos os dados já separados, foi feita a produção do relatório (ARONSON, 1995; BRAUN; CLARKE, 2006). Todavia, é necessário ressaltar que este processo não é linear, mas sim um processo de tomada e retomada, tal como pode-se identificar na Figura 1.

Figura 1 – Etapas da Análise Temática

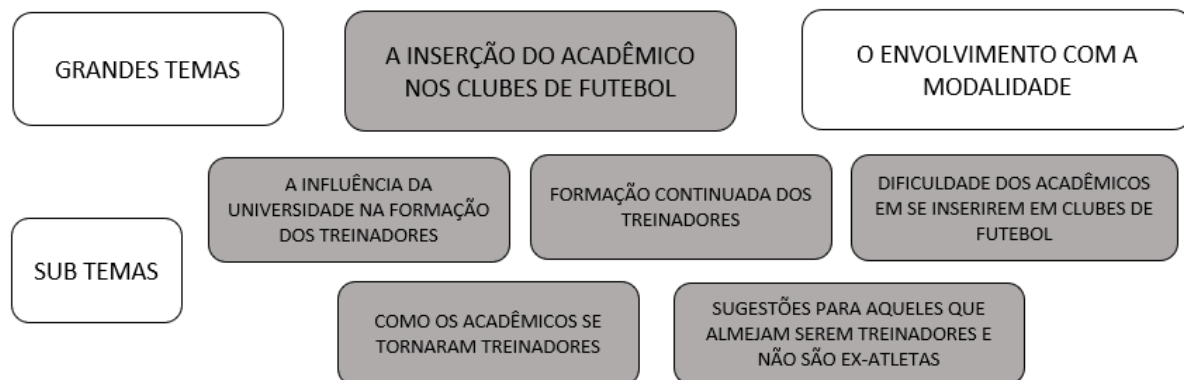


Fonte: Adaptado de Vicentini e Marques (2018).

Resultados e discussão

Na Análise Temática, os temas podem ser abordados em dois diferentes níveis: semânticos e latentes. No caso dos temas semânticos, que foi utilizado neste estudo, os temas são identificados de maneira explícita nas falas dos entrevistados, criando-se, a partir delas, os temas, enquanto que os temas latentes buscam uma interpretação para além da superficialidade da fala (MORBI, 2019). A princípio, emergiram dois grandes temas: a inserção do acadêmico nos clubes de futebol e o envolvimento com o futebol. Visando a aprofundar no objetivo do estudo, optou-se por abordar o tema “A inserção do acadêmico nos clubes de futebol”, o qual foi destrinchado nos seguintes subtemas: influência da universidade na formação dos treinadores; formação continuada dos treinadores; dificuldade dos acadêmicos em se inserirem em clubes de futebol; como os acadêmicos se tornaram treinadores e sugestões para aqueles que almejam ser treinadores e não são ex-atletas (Figura 2).

Figura 2 – Grandes temas e subtemas do estudo



Fonte: Elaborado pelos autores.

A influência da universidade na formação dos treinadores

A universidade desempenhou uma importante função na formação dos entrevistados P1 e P2, tornando-os pessoas mais críticas às situações da vida e, conseqüentemente, do futebol.

A universidade me criou esse pensamento crítico, dentro dela eu desenvolvi muito esse pensamento crítico, de pensar com a minha cabeça, de pensar de maneira complexa para integrar as coisas, para ter um pensamento complexo para poder conectar informações que estão em áreas a princípio diferentes, mas que têm total relação. (P1, entrevista concedida em julho de 2021).

Quando você tem a possibilidade de ter o seu conhecimento desafiado, de ser questionado, você se torna mais crítico. Muitas vezes, a universidade é o principal caminho que te dá essa condição, não é o único. Então, por isso que eu digo, fazer a faculdade é a possibilidade do cara se tornar crítico. Não fez a faculdade, então ele tem que garantir que o ambiente que ele está dê isso pra ele. (P2, entrevista concedida em agosto de 2021).

Além disso, ela se apresentou como um meio de qualificação para conseguir destaque no mercado de trabalho.

Para eu entrar no futebol, eu preciso me destacar de alguma maneira. Como é que eu vou fazer isso? Com conhecimento. Então, muitos amigos meus que estavam no futebol diziam tudo que a gente aprende na universidade, você rasga tudo e joga fora, não dá para fazer e aquela coisa toda, é tudo diferente. E eu ficava com aquilo na cabeça dizendo: não, então por que eu estou aqui? Eu preciso transformar meu conhecimento prático, o que eu vou fazer com isso. Então, resumindo, eu aproveitei muito a universidade. (P2, entrevista concedida em agosto de 2021).

Esses discursos sustentam que determinadas reflexões são promovidas no âmbito acadêmico, visto a intenção da universidade em formar pessoas críticas e com anseio de busca por soluções

mais adequadas às problemáticas que lhes aparecem (BETTANIM *et al.*, 2017; GOMES; ISIDRO; BATISTA, 2011; MILISTETD *et al.*, 2013, 2015b, 2016; SIQUEIRA; SILVA, 2019). Em uma profissão como a do treinador de futebol, que envolve elevada complexidade nas tomadas de decisão, o profissional ser crítico e, dessa forma, promover suas próprias ideias e não somente replicar as de outros profissionais, é de suma importância.

Todavia, somente o conhecimento teórico não é suficiente para a formação do profissional, sendo necessária a vivência prática na área (FERNANDES *et al.*, 2013; RODRIGUES; NETO, 2017; SIQUEIRA; SILVA; 2019). Os participantes P2 e P3 destacaram que, muitas vezes, a universidade não está em concordância e não traz problemas que são encontrados no dia a dia.

Eu vejo que a universidade, porque eu sou da universidade então posso falar isso sem nenhum sentimento ruim, ela não entende o futebol, assim como não entende outras modalidades esportivas. Sabe por que ela não entende? Porque ela quer fazer desses esportes aquilo que *in vitro*, ela poderia fazer, ter controle de tudo. E a realidade é que não se tem controle de tudo (P2, entrevista concedida em agosto de 2021).

É muito raro você ter professores que trabalham concomitantemente na universidade e no campo propriamente dito. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Os participantes do presente estudo afirmam que apenas a graduação em Educação Física não os torna treinadores de futebol, em concordância com a afirmação de que a graduação em Educação Física é muito generalista (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013). Corroboram, ainda, os dados encontrados por Siqueira e Silva (2019), em que 46% dos 31 alunos de uma especialização em futebol que foram entrevistados acreditam que o

principal requisito que um profissional de Educação Física deve ter para ser contratado por um clube de futebol é possuir uma especialização na área do futebol, já que a graduação por si só não promove o conhecimento suficiente para tal.

Eu acho que a graduação em Educação Física não faz você sair de lá treinador nem preparador físico, mas ela faz você sair de lá com muito conhecimento e muito contestador de paradigmas estabelecidos, isso é fundamental para que você transgrida aquilo que está estabelecido (P1, entrevista concedida em julho de 2021).

Eu sentia falta desse estudo mais aprofundado das questões táticas na universidade, porque quando nós tivemos aulas de futebol foi praticamente voltado só a questão da preparação física. A Universidade não nos preparava e nem nos abria um leque pra podermos ousar sonhar em ser treinadores. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

A formação continuada dos treinadores

Tanto os participantes quanto a literatura não creditam somente à graduação a capacidade de formar um treinador de futebol. Além disso, acredita-se que possuir uma especialização na área do futebol seja o principal requisito para a contratação de um profissional de Educação Física por um clube de futebol (SIQUEIRA; SILVA, 2019). Não há uma regra, todavia, a pós-graduação aparenta ser um ponto importante na carreira do treinador, já que P1 possui MBA em Gestão de pessoas, P2 é mestre e doutor na área de Ciência do Esporte e P3 possui MBA em Gestão e Marketing esportivo e especialização em Fisiologia do exercício.

Os entrevistados também apontaram para a influência que tiveram da aprendizagem não-formal e informal. P1 destacou o conhecimento adquirido por meio de aprendizagem não-formal,

através de “cursos menores [realizados por] instituições especializadas em desenvolvimento de profissionais da área” (P1, entrevista concedida em julho de 2021). Ainda dentro do contexto de aprendizagem não-formal, o P1 falou sobre as licenças da CBF.

Agora nós temos a certificação de treinador com as licenças da CBF. Eu acho que é um erro falar em formação de treinadores lá, para mim a formação de treinador se dá na universidade e nas etapas de formação de um treinador, na CBF você se certifica, porque você passa lá 10 dias para fazer a licença B, 20 para fazer a licença A, mais 20 para fazer a licença PRO. São 50 dias, eu não acredito que você forme um treinador com 50 dias de conhecimento. (P1, entrevista concedida em julho de 2021).

Já em relação ao meio de aprendizagem informal, os entrevistados destacaram o conhecimento adquirido na prática. P1 comentou sobre a relevância, na sua formação como treinador, que o trabalho em uma escolinha de futebol lhe proporcionou. Além disso, ele também falou sobre os aprendizados que teve quando atuou como preparador físico, período no qual ele buscava entender as ações do treinador e ajudá-lo sempre que possível.

E na escolinha, você acaba que você sempre é treinador, você é tudo: você é preparador físico; é treinador; você é professor, porque você que acaba fazendo tudo na aula, a turma é sua. [...] Estar envolvido ali com as coisas que pudessem ajudar o treinador e tá muito antenado à gestão do treinador: liderança; controle do processo para que eu ficasse preparado pra quando tivesse uma oportunidade, montar meu processo, desenvolver os meus exercícios, o jeito que eu pensava, construir as equipes do jeito que eu pensava, então basicamente foi isso. (P1, entrevista concedida em julho de 2021).

As ações e funções citadas pelo entrevistado sobre as quais ele buscava atuar, juntamente ao treinador, estão em concordância com as que a literatura traz como inerentes ao treinador (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019; FURTADO; KRAUS; JAQUES, 2019; GOMES; ISIDRO; BATISTA, 2011; MILISTETD *et al.*, 2015a; 2017; SANTOS; MESQUITA, 2010; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013; VIRGÍLIO *et al.*, 2017), confirmando a importância da observação realizada por ele.

O entrevistado P3 também comentou sobre a relevância que a vivência na prática lhe proporcionou. Fernandes *et al.* (2013), Rodrigues e Neto (2017) e Siqueira e Silva (2019) trazem que o ideal para a formação de um treinador, que não é ex-atleta profissional e possui formação em Educação Física, é buscar por estágios para que possam aplicar na prática o conhecimento adquirido na graduação, corroborando a fala do treinador P3.

E hoje, olhando para trás, eu tive a felicidade e a sorte de contar com grandes profissionais tanto de origem mais acadêmica como também de origem prática, que acabaram fomentando a minha formação, não só no sentido acadêmico que é a minha origem, como também me ofereceram uma bagagem prática, de aplicabilidade daquilo que eu penso enquanto futebol, que foi muito importante na minha carreira como um todo. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Os treinadores P1 e P2 afirmaram que para além da universidade é dever do treinador ir buscar por diversas fontes de conhecimento, muitas vezes por conta própria.

Nós temos, como treinadores, que ter um lado autodidata muito grande. Eu estudo por mim mesmo. Eu estou o tempo todo ouvindo audiobook, ouvindo palestra, o tempo todo (P1). Existem boas faculdades de educação física

e, mesmo nas boas, não necessariamente formamos bons alunos, porque o aluno bem formado é aquele que se interessa, que vai atrás, é aquele que aproveita a universidade. Não é a universidade que vai fazer isso com ele, é ele que vai fazer isso com a universidade. (P2, entrevista concedida em agosto de 2021).

Um exemplo citado pelo P2 que demonstra a busca pelo conhecimento por parte do treinador foi quando ele, ainda na universidade, juntamente com outros colegas, formou um grupo, no qual eles realizavam relatórios das equipes que iam disputar partidas em sua cidade e, visando a uma oportunidade, os levava para as equipes que estavam alocadas no hotel.

Quando eu resolvi que queria entrar pro futebol e estava na universidade ainda, uma das coisas que eu fiz foi juntar um grupo de amigos da universidade e a gente fazia relatórios de clubes que iam jogar na cidade e levávamos aos clubes nos hotéis. (P2, entrevista concedida em agosto de 2021).

Dificuldade dos acadêmicos em se inserirem em clubes de futebol

A maioria dos treinadores da elite do futebol brasileiro masculino são ex-atletas (FERNANDES *et al.*, 2013; FURTADO; GOULART; SIMON, 2019) e grande parte dos atletas parece querer ser treinada por ex-jogadores profissionais (SILVA; PRADO; SCAGLIA, 2018), em concordância com a maioria dos clubes que também preferem contratar treinadores que tenham jogado profissionalmente (BETTANIM *et al.*, 2017; FERNANDES *et al.*, 2013; RODRIGUES; NETO, 2017). Essas evidências validam o discurso dos três participantes do presente estudo que apontaram para a dificuldade de inserção do treinador de futebol que não é ex-jogador e conta com graduação em Educação Física.

Quando eu entrei na faculdade, por não ter sido atleta pro-

fissional, eu sabia que era muito difícil eu ser treinador (P1). Então eu digo, bom, eu não sou ex-atleta de alto rendimento, então as portas não estão abertas. [...] A inserção de pessoas que não são ex-atletas, a gente não pode fechar os olhos para a dificuldade, é mais difícil porque a gente não está na rede de contatos. E quando a gente não está nela, a gente não entende muito bem do que se trata a coisa ali, os valores que estão ali, às vezes explícitos, mas às vezes implícitos (P2). Eu tinha noção da dificuldade que eu iria passar. Recebi muitos 'nãos' e às vezes, assim, até brincadeiras. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Para buscar vencer essa dificuldade, o treinador P2 afirma que devido a não ter um caminho definido a ser traçado para que o profissional de Educação Física se torne treinador de futebol, a solução que encontrou foi de buscar experiência em alguma equipe (mesmo não profissional) e acumular resultados positivos que, segundo ele, são importantes para as oportunidades de emprego nos clubes de futebol surgirem.

Já o treinador P3 aborda que detinha de um respeito na área da preparação física e fisiologia e, por meio dele, buscava seu espaço, embora fosse difícil a transição para a área técnico-tática, uma vez que essa decisão depende de outras pessoas dentro dos clubes.

Agora, eu preciso ter a primeira oportunidade. E eu penso: para ter a primeira oportunidade, eu preciso ganhar. Então todo esse conhecimento tem que me ajudar a ganhar (P2). Então acabava sendo muito respeitado nessa área da preparação física, da fisiologia, mas essa transição para área técnico-tática do jogo sempre muito dificultada, porque as vezes você depende não só de você, mas decisões que seus superiores têm, ou a imagem que seu superior tem de você próprio. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Embora os entrevistados acreditem que tenham sofrido dificuldade para se inserir nos clubes de futebol, os treinadores P1 e P3 acreditam que hoje a dificuldade é menor do que ela já foi.

Os profissionais de Educação Física ainda têm dificuldades para se inserir, mas elas são muito menores do que elas eram. Acredito que hoje já se consegue ter uma ideia melhor de que a competência não está associada só a ter sido jogador ou não. Óbvio, o trajeto de um ex-atleta tem atalhos para ele poder chegar nas equipes principais, mas os que não são ex-jogadores que estão no mercado, quando mostram conhecimento hoje, consegue ter muito mais espaço do que há dez anos atrás (P1). Eu acredito que os profissionais de Educação Física têm cada vez menos dificuldade para se inserir. A aceitação é cada vez maior. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Como os acadêmicos se tornaram treinadores

Os três treinadores participantes falaram sobre o desejo de se tornarem treinadores. É evidenciado que esse desejo possui estreita relação com as funções e ações atreladas ao cargo de treinador, o qual exerce a posição central na comissão técnica no futebol (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019; FURTADO; KRAUS; JAQUES, 2019; SIQUEIRA; SILVA, 2019; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

Meu interesse é em chegar no mais alto nível dentro do futebol, através desse conhecimento, através da aplicação desse conhecimento e transformar em prática; em dia a dia; em exercício; em treino; em informação útil pro atleta, todo esse arcabouço de conhecimento. [...] Eu tinha vontade de controlar o processo, de ser treinador (P1). Na minha cabeça, o treinador era o cara do processo, não é o prepa-

rador físico, não é o preparador de goleiros, o fisiologista, é o treinador (P2). Ingressei no curso de Educação Física já com o objetivo de seguir no futebol, eu tinha sonho de ser treinador. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Apesar da relevância que a escolinha de futebol proporcionou à formação do P1 como treinador, como já explicado, ele afirma que foi um divisor de águas ter saído dela para se tornar um treinador de alto rendimento. Segundo P1, sua motivação para ser treinador passa pelas funções que estão atreladas à profissão, as quais estão de acordo com o que traz a literatura (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019; FURTADO; KRAUS; JAQUES, 2019; GOMES; ISIDRO; BATISTA, 2011; MILISTETD *et al.*, 2015a; 2017).

Eu gosto de fazer, eu gosto de ir para o campo, eu gosto de aplicar um bom treino, eu gosto de ver os atletas se desenvolvendo, eu gosto de ver a equipe tendo desempenho em campo, eu gosto do que envolve a entrevista coletiva, da caça de talentos, da busca pelos talentos, da análise do adversário, de armar arapuca para o adversário, de criar estratégias para vencer o jogo, de ter a cabeça voltada para alguma coisa o dia todo que é algo que te dá prazer. (P1, entrevista concedida em julho de 2021).

Na formação como treinador, tanto o P2 quanto o P3 afirmam que não somente o conhecimento específico do futebol é fundamental, mas também a vivência em outras áreas da vida. Para eles, é importante aprender a lidar com os problemas do contexto onde se está inserido e isso só é possível a partir do desenvolvimento do indivíduo para além da formação futebolística. Ainda, o P3 afirma que ter feito intercâmbio foi fundamental para sua formação, considerando esse o momento em que desenvolveu mais conhecimento acerca da tática, do treinamento e da metodologia de trabalho.

Tudo passa, não pela sua formação específica, mas tudo passa pela sua formação global, de como você aprender a lidar com os problemas que você vai ter naquele contexto, ou seja, no futebol, onde os problemas são muito particulares. E saber lidar com esse contexto significa ter conhecimento para isso (P2). Eu acho que o crucial para a minha carreira, foi eu ter conseguido primeiramente esse intercâmbio. Foi o momento da minha carreira que eu adquiri conhecimento suficiente para poder debater sobre tática, debater sobre metodologia, debater sobre o treinamento de ordem mais tática no futebol, porque se eu tivesse saído da universidade e ingressado diretamente no mercado provavelmente eu estaria como preparador físico até os dias atuais. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Em relação à inserção dos participantes nos clubes de futebol, tanto o treinador P1 quanto o P3 relataram que a mesma se deu na função de preparador físico em equipes de categoria de base. O P1 recebeu um convite do treinador que estava no comando da equipe, que ele conheceu na universidade. Já o P3 passou por um processo seletivo, do qual tomou conhecimento por meio de um grupo de estudos que integrou na universidade.

O caminho que eu selecionei foi a parte mais física, de preparação física, preparação também em termos de fisiologia, então, desde o primeiro ano, participei de grupos de estudos, de laboratórios de pesquisa. O professor responsável pelo grupo de estudos tinha um contato muito próximo com um clube e ele pôde assim intermediar a minha entrada no mesmo. Na época, o preparador físico do sub-20, que também era uma espécie de coordenador científico do projeto também tinha participado desse mesmo grupo de estudos. Então, como eu já tinha ali um respaldo do professor e também um bom conhecimento do coordenador, eles me indicaram para esse processo

seletivo e eu consegui fazer essa interface entre o meio acadêmico para a prática propriamente dita. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

O treinador P2 também passou por um processo seletivo. Inicialmente, ele prestou um concurso para se tornar treinador em um projeto de um time na universidade, no qual ele acumulou bons resultados, o que lhe ajudou a se destacar enquanto treinador. Posteriormente, devido a esses bons resultados, lhe foi indicado, através de um ex-colega de universidade, um processo seletivo em uma equipe de categoria de base, o qual prestou e foi selecionado.

Fica evidente que a inserção dos treinadores pode ocorrer de diversas maneiras. Apenas o P2 já se inseriu em um clube na função de treinador, embora tenha percorrido uma trajetória anterior como treinador em um projeto. Pode-se interpretar como um recurso para os profissionais de Educação Física que pretendem se inserir em clubes de futebol e, posteriormente, exercer função de treinador: que eles busquem um espaço nos clubes exercendo outra função que lhe permita vivenciar o dia-a-dia, adquirindo conhecimento e estando em contato com a profissão que almeja.

Sugestões para aqueles que almejam ser treinadores e não são ex-atletas

Os três participantes teceram comentários com direcionamentos diferentes quanto às sugestões para quem é formado em Educação Física, não foi atleta profissional de futebol e pretende se inserir em um clube brasileiro, tal como visa a entender o estudo presente. O treinador P1 entende que o melhor que pode ser feito é buscar informações e pessoas que lhe permitam ampliar a gama de conhecimento.

Buscar ambientes de aprendizado contínuo, conseguir identificar onde estão as melhores formações e informações. Então assim, não acreditar que o que é hoje vai ser sempre, porque o futebol de hoje, eu garanto, que já não é o jogo que era jogado há 10 anos, o treino de hoje já não é o treino dado há 10 anos, então o que vai ser hoje não é o fato, não é a verdade, não é a realidade, é a realidade atual, daqui 10 anos vai ser diferente. Então, se prepare, estude, porque o futebol provavelmente quando você tiver entrando nele, já vai estar mudando para um outro cenário. [...] Busque a boa informação, como eu disse anteriormente, busque boas formações, busque se associar a pessoas que discutem boas ideias, busque se afastar de pessoas que são críticas ao que é novo, porque daqui a pouco você vai perceber que mesmo que ela esteja bem empregada hoje, provavelmente daqui 5 ou 10 anos ela vai estar no máximo no mesmo nível que ela está hoje, mas ela não estará melhor, se ela rejeita o que é novo. [...] Então, busque pessoas que têm boas formações e informações e que estejam se atualizando, permanentemente. Isso é uma coisa importante, vá buscar informação, vá nas boas fontes, vá ler continuamente, é uma dedicação e um projeto diário. (P1, entrevista concedida em julho de 2021).

O treinador P3 trouxe a importância de o treinador ser resiliente para que consiga superar os obstáculos encontrados na prática, inclusive o preconceito que ele enfrentou por não ter sido ex-atleta profissional de futebol. Todavia, ele destaca a importância de o treinador que percorreu somente o caminho da universidade não se tornar soberbo por ter um conhecimento teórico maior do que os treinadores que somente vivenciaram a prática.

Então eu acho que a nossa resiliência é muito necessária nesse sentido, além da inteligência emocional, justamente para poder resistir a todos os obstáculos. É necessária

também uma inteligência social, muito importante os relacionamentos, como você se relaciona com as pessoas, sua capacidade de liderança, gestão, a sua capacidade de persuasão, até de inspiração para outras pessoas, para que você seja visto efetivamente como um líder e as pessoas sigam aquilo que você tem como ideia. [...] Para mim uma qualidade indispensável a todos é esse poder de persuasão. Alguns vão tentar convencer pela experiência que tiveram de maneira mais prática, outros vão tentar convencer por terem argumentos teóricos mais sofisticados. [...] O conselho que eu dou é justamente não se colocar, de forma nenhuma, como superior, por ter um conhecimento teórico mais sofisticado em relação aos profissionais da prática, porque na prática, a aplicabilidade desses conhecimentos teóricos ela é sempre muito complexa e depende muito de bom senso e de boa capacidade explicativa, de bom controle emocional. Então, se permitir sempre aprender, essa característica para mim é sempre proporcional ao nível de humildade que o ser humano tem, às vezes por ter muito conhecimento teórico as pessoas são muito afoitas em querer aplicar ou debater, ou querer ganhar discussões, e eu não vejo isso como salutar no ingresso do mercado de trabalho, propriamente dito. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

O treinador P3 também abordou dois principais aspectos: as habilidades que o treinador deve ter e a importância de usufruir da aprendizagem informal obtida com as pessoas com as quais se tem um convívio, aspectos que estão em concordância com o que traz a literatura, a qual aponta que o treinador é responsável por diversas funções e habilidades atreladas à melhoria de desempenho da equipe, sendo as principais: proporcionar uma formação esportiva qualificada; gerir grupos; possuir conhecimento técnico/tático; liderar; educar; resolver problemas; saber comunicar-se; organizar e avaliar sua equipe em treinos e com-

petições; planejar treinos; refletir (FURTADO; GOULART; SIMON, 2019; FURTADO; KRAUS; JAQUES, 2019; MILISTETD *et al.*, 2015a; 2017; SANTOS; MESQUITA, 2010; SILVA; PRADO; SCAGLIA, 2018; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

A partir desse tipo de comportamento acredito que as coisas fiquem mais fáceis para o ingresso no mercado, porque a demanda é muito grande e a oferta a gente sabe que não é tão grande assim. Então, as pessoas que se mostram sempre receptivas a receber conhecimento e abnegadas em relação ao trabalho, eu acredito que tenham mais facilidade, não só de ingressar, mas de permanecer no mercado. Pelo menos, essas características que eu estabeleci agora são aquelas que eu vislumbro em todos os profissionais que tiveram a mesma origem que eu e estão, como eu estou, no mercado, até os dias atuais. É muita resiliência, humildade de aprendizagem, determinação e poder ter uma resistência emocional muito forte, porque não é uma carreira fácil, tanto do ponto de vista profissional como também pessoal. (P3, entrevista concedida em agosto de 2021).

Diferentemente dos outros dois entrevistados, o treinador P2 disse que, na verdade, o melhor que um profissional de Educação Física que não foi ex-atleta profissional e pretende ser treinador pode fazer é não seguir o conselho de ninguém e trilhar o seu próprio caminho. Além disso, ele ressaltou o quanto ter se tornado treinador passou pelo acaso.

Se você quer um conselho, meu conselho é não peça conselho. Escute seu coração, crie um diálogo entre ele e sua cabeça. Escute a você mesmo. Tem muita gente que vai tentar te convencer que o caminho A é melhor que o B; não tem receita. Cada um de nós tem um caminho diferente. (P2, entrevista concedida em agosto de 2021).

Conclusão

Foi analisado o processo de inserção, em clubes brasileiros, de três treinadores de futebol graduados em Educação Física e sem experiência como jogadores profissionais. Como foi visto no subtítulo “A influência da universidade na formação dos treinadores”, os resultados mostram que a graduação tornou os entrevistados seres mais críticos. Porém, os treinadores ressaltam que somente a universidade não é suficiente para uma formação como treinador, devendo os interessados buscar pela aplicação prática do conteúdo e outras fontes de conhecimento.

Justamente essa busca por outras fontes de conhecimento foi a temática central do subtítulo “A formação continuada dos treinadores”, na qual eles apontaram a influência que contextos não-formais e informais exerceu em suas formações, desde o conhecimento adquirido em cursos; escolas de futebol; intercâmbios, até a aprendizagem no dia-a-dia, com outros treinadores mais experientes. Em concordância com o objetivo central do presente estudo, os participantes apontaram no subtítulo “Dificuldade dos acadêmicos em se inserirem em clubes de futebol” como tiveram as suas inserções em clubes de futebol dificultadas, o que, segundo eles, foi alterado, considerando que atualmente a dificuldade é menor do que quando ingressaram. O quarto subtítulo, “Como os acadêmicos se tornaram treinadores”, trouxe o porquê de os participantes desejarem se tornar treinadores e como foi este processo. Constatou-se que dois se inseriram nos clubes de futebol exercendo outras funções, enquanto um participante já se inseriu como treinador após a aprovação em um processo seletivo. Por fim, no subtítulo “Sugestões para aqueles que almejam ser treinadores e não são ex-atletas”, cada um dos entrevistados trouxe a sua visão, expondo como acreditam que um profissional de Educação Física que não foi atleta profissional de futebol poderia fazer para se tornar treinador.

Com os dados levantados neste estudo, conclui-se que não há um caminho único nem um melhor a ser seguido, mas sim que

há espaço para o profissional de Educação Física se inserir como treinador de futebol, mesmo não tendo sido atleta profissional. Por meio da graduação e da formação continuada, incluídas as três vertentes da aprendizagem (formal, não-formal e informal), o profissional consegue se capacitar e cada vez mais encontrar seu espaço, embora ainda haja resistência no mercado de trabalho.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o estudo entrevistou um número pequeno de treinadores, justamente para poder se aprofundar na trajetória de cada um. Todavia, esta é uma das limitações do estudo, pois não há como inferir qual foi o caminho traçado pela maioria dos treinadores que são graduados em Educação Física e não foram atletas profissionais. Sugere-se mais pesquisas no assunto, visto as barreiras na inserção no mercado e o desconhecimento do caminho a ser seguido pelos profissionais de Educação Física quando pretendem ser treinadores de futebol.

Referências

ARONSON, J. A pragmatic view of thematic analysis. **The qualitative report**, Mineápolis, v. 2, n. 1, p. 1-3, 1995.

BETTANIM, M. R. *et al.* Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? **R. bras. Ci. e Mov.**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 212-219, 2017.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

FERNANDES, J. C. P. *et al.* Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. **Esporte e Sociedade**, [s. l.], ano 8, n. 22, p. 1-16, set. 2013.

FURTADO, H. L.; GOULART, A.; SIMON, D. Treinadores de futebol no brasil: indícios preliminares sobre formação e carreira. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 11, n. 42, p. 150-159, jan./fev./mar./abr. 2019. ISSN 1984-4956.

FURTADO, H. L.; KRAUS, D. S.; JAQUES, G. Formação de treinadores de futebol no Brasil: desafios para os programas de qualificação profissional do futebol brasileiro oferecidos pela CBF. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 11, n. 41, p. 160-169, jan./fev./mar./abr. 2019. ISSN 1984-4956

GALATTI, L. *et al.* Coaching in Brazil Sport Coaching as a Profession in Brazil: An Analysis of the Coaching Literature in Brazil From 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 316-331, 2016.

GARGANTA, J; Para a teoria dos jogos desportivos colectivos. *In*: GRACA, A OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2ª edição. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física/Universidade de Porto, 1995. p. 11-26.

GOMES, R. E.; ISIDRO, A. S. M.; BATISTA, P. M. F. Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: um estudo com treinadores portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 185-195, 2. trim. 2011.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru, **Anais [...]**. Bauru: USC, 2004. A pesquisa qualitativa em debate, p. 1-10. CD-ROOM. ISBN: 85-98623-01-6.

MILISTETD, M. *et al.* Socialização profissional e a construção da identidade de treinadores esportivos. *In*: NASCIMENTO, J.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. 1 ed. Florianópolis: UDESC, 2013. v. 1, p. 385-406.

MILISTETD, M. *et al.* Formação de treinadores esportivos: realidade e perspectivas. *In*: KÁTIA LUCIA MOREIRA LEMOS, PABLO JUAN GRECO, JUAN CARLOS PÉREZ MORALES. (Org.). **5º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. 1 ed. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015a, v. 1, p. 285-309.

MILISTETD, M. *et al.* A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 982-994, out./dez. 2015b.

MILISTETD, M. *et al.* Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes, **Sports Coaching Review**, [S. l.], v. 5, s. n., p. 135-152, 2016. DOI: 10.1080/21640629.2016.1201356.

MILISTETD, M. *et al.* Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em educação física. **J. Phys. Educ.**, Maringá, v. 28, n. 1, e2849, 2017.

MORBI, M. dos R. **Tornar-se treinador**: investigação sobre a trajetória e processos de aprendizagem de treinadores campeões da Liga Nacional de Futsal masculina. 2019. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. DOI: 10.11606/D.109.2020.tde-20022020-111828.

RODRIGUES, H. D. A.; NETO, S. S. O Trabalho do Treinador Esportivo no Brasil: do ofício à profissionalização da profissão. *In*: GONZALEZ, R. H.; MACHADO, M. M. T. **Pedagogia do esporte**: novas tendências. Fortaleza: Tavares & Tavares Empreendimentos Comercias Ltda, 2017, p. 329-347.

SANTOS, A. S. F. M. D.; MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum**, Florianópolis, v. 12, n. 4, p. 276-281, 2010.

SILVA, L; PRADO, H. R. F.; SCAGLIA, A. J. Competências requeridas ao treinador de futebol: um olhar a partir dos jogadores dessa modalidade. **Corpoconsciência**, Cuiabá, MT, v. 22, n. 01, p. 24-39, jan./abr., 2018.

SIQUEIRA, W. L.; SILVA, S. F. D. A inserção e a qualificação do profissional de educação física no futebol. **Rev Bras Futebol**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 20-38, 2019.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. D. S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 1, p. 73-93, 2013.

TOZETTO, A.; GALATTI, L. R.; MILISTETD, M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 207-219, jan./mar. 2018.

VICENTINI, L., MARQUES, R. F. R. A produção científica sobre o jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1335-1352, 2018.

VIRGÍLIO, A. C. S. *et al.* Aprendizagem de treinadores esportivos: fontes de conhecimento e prática profissional nos jogos esportivos coletivos. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, [S. l.], v. 3 n. 2, p. 20-26, 2017.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.